

Entre o sonho e a realidade: Migração de brasileiras para a Suíça*

BETWEEN DREAMS AND REALITY: MIGRATION OF BRAZILIAN WOMEN TO SWITZERLAND

ENTRE EL SUEÑO Y LA REALIDAD: LA MIGRACIÓN DE BRASILEÑAS A SUIZA

Flávia de Maria Gomes Schuler¹, Cristina Maria de Souza Brito Dias²

RESUMO

O objetivo geral deste artigo foi estudar como se deu o processo de migração ilegal de mulheres brasileiras para a Suíça e, mais especificamente, analisar as motivações para a migração, as dificuldades enfrentadas ao chegar, as circunstâncias que as levaram a se casar e uma avaliação da experiência. A metodologia foi baseada em uma abordagem qualitativa. Os participantes foram oito mulheres brasileiras que migraram ilegalmente para a Suíça e atualmente são casadas com suíços ou europeus. Elas responderam a uma entrevista com foco nos objetivos da pesquisa. A apreciação dos dados foi realizada a partir da Análise de Conteúdo Minayo. As motivações foram relacionadas a uma melhoria da situação financeira. Quanto às dificuldades encontradas, podemos destacar a ilegalidade, dificuldades com a língua e os preconceitos enfrentados. Quanto ao casamento, elas se casaram para permanecer no país legalmente. Finalmente, a avaliação da experiência foi para a maioria das participantes negativa.

DESCRIPTORIOS

Migrantes
Mulheres
Casamento

ABSTRACT

The general objective of this article was to study the process of illegal migration of Brazilian women to Switzerland and, more specifically, to analyze the motivations for migration, the difficulties found upon arrival, the circumstances that led them to get married and lastly an evaluation of the whole experience. The methodology was based in a qualitative approach. The participants were eight Brazilian women that illegally migrated to Switzerland but now are married with Swiss or European men. They responded to an interview focused in the objectives of the study. The appreciation of the data was realized with Minayo's Content Analysis. The motivations were related to a bettering of the financial situation. In the difficulties encountered, we can bring out illegality, language and prejudice. Regarding marriage, they married to stay legally in the country. Finally, the evaluation of the experience was negative for most participants.

DESCRIPTORS

Migrants
Women
Marriage

RESUMEN

El propósito de este trabajo era estudiar el proceso de la migración ilegal de mujeres brasileñas a Suiza, más específicamente, analizar las motivaciones de la migración, las dificultades encontradas a la llegada, las circunstancias que los llevaron a casarse y una revisión de la experiencia. La metodología se basa en un enfoque cualitativo. Los participantes fueron ocho mujeres brasileñas que emigraron ilegalmente a Suiza, pero en la actualidad están casadas con hombres suizos o europeos. Han respondido a una entrevista que se centra en los objetivos del estudio. La evaluación de los datos se realizó con el Análisis de Contenido de Minayo. Las motivaciones fueron relacionadas con una mejor situación financiera. En las dificultades, podemos destacar la ilegalidad, el idioma y los prejuicios enfrentados. Quanto a la boda, se casaron a permanecer en el país legalmente. La evaluación de la experiencia fue negativa para la mayoría de los participantes.

DESCRIPTORIOS

Migrantes
Mujeres
Matrimonio

* Este artigo é um recorte da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica: Casamento intercultural e suas peculiaridades: Um estudo sobre brasileiras que vivem na Suíça. Universidade Católica de Pernambuco. 2010. ¹ Mestre e doutoranda em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil. ² Doutora em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil.

INTRODUÇÃO

Podemos considerar como marca de nossa época o fenômeno da globalização. Na globalização, as comunicações ultrapassam todos os limites esperados, apoiadas que são na alta tecnologia. A *internet* nos permite estar conectados ao mundo, à distância de um “*mouse clique*”. Os fluxos migratórios entre países, regiões e continentes crescem a cada dia. Em um mundo cada vez mais integrado, as pessoas migram buscando oportunidades em solos estrangeiros, de que não dispõem em seus próprios países. O trânsito ao redor do mundo é enorme, os aeroportos sofrem com esse problema e já não dão conta de um tráfego aéreo tão intenso. Até as doenças que eram específicas de determinadas áreas do mundo, hoje são encontradas em outros lugares, por conta da enorme mobilidade das pessoas.

Amazonas, Dias e Santos⁽¹⁾ afirmam que com a globalização as distâncias geográficas já não são impedimento para a formação de vínculos afetivos. Afirmam também que entre todas as mudanças que o processo de globalização vem provocando – a sexualidade, os relacionamentos afetivos, os casamentos e a própria família são as de maior repercussão na vida das pessoas. Como consequência da globalização, podemos dizer que atualmente famílias interculturais constituem uma grande parte da população europeia e, porque não dizer, do mundo⁽²⁾. O objetivo geral desta pesquisa foi estudar como se deu o processo de migração ilegal de mulheres brasileiras para a Suíça e, de modo mais específico, ela visou analisar as motivações para a migração, as dificuldades enfrentadas ao chegar ao novo país, às circunstâncias em que vieram a se casar e finalmente a uma avaliação da experiência.

Migração feminina

Atualmente existe um fenômeno conhecido como “feminização das imigrações” que se contrapõe de maneira muito significativa à realidade do início da emigração brasileira. A família, de modo geral, permanecia em território nacional e o pai viajava para o exterior com a finalidade de sustentar sua família. Naquele momento, os fluxos de saída da população brasileira caracterizavam um processo novo, até então desconhecido da própria sociedade emigrante, e não possuíam ainda uma temporalidade que viabilizasse uma maior reflexão sobre a dinâmica destes acontecimentos⁽³⁾. Tais movimentos foram percebidos como impulsos acima de tudo temporários e protagonizados majoritariamente pelos homens. Com o decorrer dos anos, entretanto, e principalmente com o desenvolvimento cada vez mais extenso e abrangente das redes sociais de apoio a estas migrações, a presença feminina se intensificou, tomando posição central dentro da manutenção destes fluxos, concretizando expectativas de mobilidade e ascensão social. Esta mudança, percebida nos dados, também corrobora com as recentes análises de mudanças no padrão de intenção em relação ao tempo de permanência

no exterior. Atualmente, segundo o Relatório sobre a divisão de População das Nações Unidas⁽⁴⁾ dos 191 milhões de migrantes recenseados no mundo, 94,5 milhões são mulheres que deixaram seu país em busca de melhores oportunidades de vida. Destaca-se ainda o fato que hoje, em numerosos países, as mulheres representam a maioria dos imigrantes, em particular na América do Norte, na Europa, no oriente Médio e Oceania. As mulheres representam ainda a maioria dos emigrantes, particularmente na Ásia e na América Latina. No Brasil este fato se confirma de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁽⁵⁾, as mulheres são a maioria entre os que emigraram (53,8%). Nos estados do Nordeste, o percentual de emigração de mulheres é ainda maior, chegando a 64,3% em Pernambuco, 70,1% no Ceará e 70,3% no Rio Grande do Norte.

Os brasileiros deixam seu país natal não mais em caráter temporário, mas com uma expectativa de permanecer em solo estrangeiro o maior tempo possível ou até mesmo em caráter definitivo. Podemos citar como exemplo dados levantados pela jornalista Mônica Fauss, em Weller⁽⁶⁾. Segundo a autora, 70% dos brasileiros residentes na Alemanha pertencem ao sexo feminino, o que nos leva a concluir que as mulheres têm procurado novas oportunidades. Quando as dificuldades são muitas, as expectativas de melhoria de vida praticamente não existem. Quando atraídas pela indústria do turismo e “comércio de mulheres”, a emigração para um país do primeiro mundo passa a ser vista como uma alternativa para muitas mulheres que deixam o país com a responsabilidade de obter não somente a sua sobrevivência, mas também a de seus familiares.

Segundo Weller⁽⁶⁾, muitas mulheres chegaram à Alemanha através de relacionamentos estabelecidos com turistas que vieram ao Brasil. Embora a imigração feminina esteja fortemente associada à exploração sexual, esse não é o único e talvez não seja o principal motivo do já citado fenômeno da “feminização das migrações”. Com o aumento do número de mulheres com nível de escolaridade superior, bem como no mercado de trabalho nas últimas décadas, também cresceu o número de migrantes do sexo feminino que saíram do país com o intuito de melhorar a qualificação profissional ou até mesmo pela curiosidade em conhecer outros países, culturas e modos de vida. O que muitas vezes foi pensado como um projeto de alguns meses ou anos acaba se transformando numa mudança permanente para outro país, associada, muitas vezes, ao casamento e à constituição de família.

A situação não é diferente na Suíça. A Cônsul brasileira em Zurique, Vitória Cleaver⁽⁷⁾, afirma: A absoluta maioria de brasileiros na Suíça, quase 60.000 segundo a embaixada, é de mulheres. Elas aparecem em segundo lugar na lista de preferência com quem os suíços mais casam. Vale ainda lembrar que, segundo Hoffmann⁽⁸⁾, a Suíça tem a sétima maior comunidade brasileira da Europa, estando atrás apenas do Reino Unido, Portugal, Espanha, Alemanha, Itália e França.

Brasileiras na Suíça

Na Suíça as brasileiras formam, juntamente com as dominicanas, marroquinas e tailandesas, o maior grupo de mulheres migrantes dos chamados países do terceiro mundo ou países em desenvolvimento. Fica difícil falar em números exatos, uma vez que grande parte delas vive ilegalmente no país e sem registro em nenhum órgão⁽⁹⁾. O Ministério das Relações Exteriores do Brasil⁽¹⁰⁾ estima que cerca de 60.000 brasileiros vivem atualmente na Suíça. Este número é calculado de acordo com a quantidade de serviços consulares e não distingue a condição oficial dos moradores. De acordo com o Departamento Federal de Estatística da Suíça⁽¹¹⁾, vivem no país 14.108 brasileiros. A discrepância gerada pela informação dos dois países demonstra como é grande o número de brasileiros ilegais na Suíça. Como a cada dia fica mais difícil emigrar para a Suíça legalmente, as possibilidades se restringem a trabalhar como dançarina, através do casamento ou como turistas. Para poder trabalhar como dançarina a mulher precisa de um visto de artista, válido por oito meses, que ela pode adquirir no consulado suíço apresentando três contratos com donos de boates. Segundo Huber⁽⁹⁾, ao deixar o Brasil, em decorrência dos contratos feitos pelos agenciadores, dos custos com passaporte e das despesas com a passagem, a maioria das mulheres encontram-se na condição de endividadas. De acordo com o Centro de Imigração Feminina em Zurique, Suíça⁽¹²⁾, 90% das dançarinas trabalham também na prostituição. Elas se submetem a discriminações, humilhações, injustiças e violências por parte dos proprietários das boates.

As mulheres que migram como turistas procuram, nos primeiros meses, tanto um marido quanto um trabalho no mercado paralelo. Segundo Baeckert⁽¹³⁾, elas chegam com poucos recursos e muitos sonhos, entre eles o de casar com um suíço ou de voltar ao Brasil em condições de construir uma casa própria. Assim, milhares de brasileiras vão tentar a sorte como babá ou doméstica. Elas entram como turistas e assim permanecem por anos, até conseguirem um casamento ou independência financeira e a tão sonhada casa para a família no Brasil. Com este propósito, muitas deixam a família e os filhos em busca de uma vida melhor.

Uma vida na ilegalidade está geralmente ligada a medos, necessidades e a um grande peso psíquico⁽¹²⁾. O acesso para tratamento médico é difícil, se não impossível, assim como para outras situações que exijam identificação. As mulheres geralmente são exploradas por não terem nenhum direito trabalhista e durante todo tempo elas devem contar com a possibilidade de serem demitidas. O medo do controle policial está sempre presente, tendo como consequência a deportação, um pagamento em dinheiro, ou uma pena a ser cumprida. Quando essas mulheres ilegais são descobertas, elas são culpadas de entrada ilegal no país, permanência e trabalho ilegal, a não ser que elas sejam reconhecidas como vítimas do tráfico internacional de mulheres. Se isto ficar claro, elas são de-

portadas para o seu país de origem e precisam voltar para as suas precárias condições de vida: voltar justamente para o lugar de onde fugiram. Dessa forma, a ajuda que até então mandavam para os seus familiares cessa de um dia para o outro, o que significa muitas vezes que os filhos que estudam param de estudar, e muitas famílias perdem até a casa onde moravam por não receberem mais o auxílio por elas enviado. A situação é tão difícil que a maioria dessas mulheres opta pelo casamento, como uma solução para o problema de permanecer no país⁽¹²⁾.

As brasileiras casadas vivendo na Suíça podem ser divididas, basicamente, em dois grupos: aquelas que encontram o futuro marido aqui no Brasil e migram para a Suíça, uma vez que o Brasil ocupa destaque no turismo, atraindo turistas que querem conhecer de perto o chamado "exotismo tropical", e as mulheres que decidem migrar por conta própria, a princípio como dançarinas ou turistas, visando trabalhar e casar, para construir ou reconstruir uma família. Muitas brasileiras migram para a Suíça acalentadas pelo sonho do "príncipe encantado", mas além do grande choque cultural, algumas, infelizmente, confrontam-se com casamentos de subserviência e dependência financeira, bem como de confinamento ao âmbito do lar e proibição de trabalhar fora da casa⁽¹⁴⁾. Aqui vale a pena ressaltar e estar atento ao fato de que, na realidade, a migração para qualquer país deve levar em consideração não apenas os fatores positivos, mas também os negativos e as muitas dificuldades que serão enfrentadas.

MÉTODO

A pesquisa utilizou metodologia qualitativa. Quanto ao critério de escolha dos participantes, usamos a amostragem proposital⁽¹⁵⁾. As oito participantes do nosso estudo foram brasileiras que migraram ilegalmente para Suíça e atualmente são casadas com suíços ou europeus, residindo nos estados de Basileia, Zurique ou Aarau. As entrevistadas são provenientes de diferentes estados brasileiros, possuem idade entre 28 e 51 anos, com um tempo médio de casamento de sete anos e todas têm filhos na Suíça ou no Brasil. Quanto ao nível de escolaridade, elas cursaram do ensino fundamental ao ensino médio.

As entrevistas foram realizadas na Suíça, no ano de 2010. Antes de iniciarmos a entrevista foi explicado a cada participante o objetivo da pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que garante o anonimato. Após a leitura e assinatura do termo, iniciamos a entrevista. O roteiro das entrevistas foi aprovado pelo Comitê de Ética. As entrevistas foram feitas individualmente, gravadas e depois transcritas. Seguimos a orientação de Minayo⁽¹⁶⁾ quanto ao anonimato, logo, todas as participantes tiveram seus nomes trocados. As entrevistas foram analisadas de acordo com os ditames da Análise de Conteúdo, que consiste em três fases: pré-análise, organização do corpus, interpretação e análise do material obtido.

Análise e Discursão dos resultados

Nesta seção iremos apresentar e discutir os resultados encontrados nas entrevistas realizadas com as oito mulheres brasileiras, de acordo com as quatro categorias levantadas:

A. Motivações para a migração

Nesta temática, as participantes privilegiaram como as principais causas da migração o desejo de melhores condições de vida, de trabalho, do sonho de uma casa própria e de um possível casamento, para que pudessem permanecer no país, trazer os filhos, enfim, a migração tinha o significado de um recomeço em suas vidas. Algumas falas ilustram o que foi encontrado:

“Eu já tinha dois filhos e fui abandonada. Muitas amigas minhas tinham vindo pra cá e tinham se casado. Eu vim por isso. Inclusive na mesma rua que eu morava tinha muitas brasileiras aqui, que conheceram alguém e se casaram. Eu pensava: eu vou conhecer um príncipe encantado”. (Rebeca)

“A situação dos meus pais era muito difícil. Então minha mãe disse pra minha tia que já morava aqui: a maior ajuda que você pode me dar é levar minha filha pra Suíça. Então eu vim trabalhar pra ajudar meus pais”. (Gil)

Segundo Garcia⁽¹⁷⁾, se a experiência da migração é um dilaceramento, também é, ao mesmo tempo, promessa do absolutamente novo: oportunidades, possibilidades, construção de um futuro sem a mediação do passado. Viver a condição de estrangeiro é uma experiência múltipla. A forma como o indivíduo se percebe nessa condição contribui para o êxito da emigração ou o fracasso e o retorno. Mas por que emigram? Por que se deixam cair na condição de eternos estrangeiros num mundo que não lhes pertence e nem os acolhe? As experiências narradas por brasileiras que emigraram sugerem uma situação de exílio atípico. Muitas delas poderiam ser classificadas como fugitivas do desemprego, da pobreza ou das poucas oportunidades. Oportunidades essas que são desigualmente distribuídas no nosso país, o que afeta o aspecto da sobrevivência, levando à busca de Melhores oportunidades de emprego e renda.

B. Dificuldades encontradas no contexto cultural

Neste item, as falas das participantes destacaram como principais dificuldades encontradas: língua, solidão, saudade, ilegalidade, deixar os filhos, a mentalidade suíça e o preconceito.

De acordo com Daure e Coulon⁽¹⁸⁾, para o migrante a chegada ao novo país marca o início das interações com a nova cultura e com a população. Esta é, sem dúvida, a etapa mais longa da migração e, para algumas pessoas, nunca acabará, ou seja, o sentimento de estar sempre em contato com o estrangeiro, com o estranho, com o que não é familiar, pode durar toda uma vida no país de acolhimento.

Souza⁽¹⁹⁾ afirma que mesmo que as condições de vida para essas mulheres se apresentem melhores por certo prisma, haverá sempre um choque cultural e um duro processo de adaptação, daí ser importante estudar as condições de integração no país de destino. As dificuldades encontradas por essas mulheres são inúmeras. Segundo Scheifele⁽²⁰⁾, na migração mesmo que os motivos assim como os destinos das pessoas sejam diferentes, existem sempre semelhanças. De acordo com Pereira⁽²¹⁾, uma das grandes dificuldades é a língua. Muitas pessoas se vêm reduzidas quase a uma criança, pois elas têm que aprender tudo de novo.

“Quando eu cheguei aqui o mais difícil era a língua e viver ilegal. Eu não tinha interesse de aprender a língua não. Eu só queria ganhar dinheiro e voltar, mas se a gente tá aqui tem que aprender pelo menos um pouco e aí eu me dediquei e aprendi, mas ainda tenho muitas dificuldades. Eu tenho que continuar a estudar.” (Carolina)

“A língua é a mais complicada que eu já ouvi e por isso eu não queria ficar aqui, mas como minha mãe estava doente, eu tinha que trabalhar para mandar dinheiro pra ela. Eu saía de casa muda e voltava calada. Eu tinha saudade de tudo que eu tinha lá e não tinha aqui. Isso foi o mais difícil”. (Lilian)

Com a migração pode haver uma redução na competência individual, pois elas se sentem incapazes de realizar as tarefas do dia a dia. Elas entram em um processo de dependência, pois não sabem falar e nem conhecem as regras de comportamento social. De acordo com Figueiredo⁽²²⁾, nas relações sociais, as necessidades de comunicação emergem. Ser capaz de lidar com as necessidades sociais implica em ser socialmente hábil. A falta da língua ou a precariedade com que a língua do país é falada leva facilmente ao isolamento e a solidão. Souza⁽¹⁹⁾ afirma que talvez um dos maiores problemas das mulheres imigrantes seja à solidão, inclusive, a solidão das mulheres casadas, como podemos constatar na seguinte fala:

“O impacto que eu senti quando cheguei aqui foi à solidão. Eu vivia em um Dorf (cidadezinha). Eu não via ninguém. Na televisão eu não entendia nada. Eu sentia saudades e solidão. Eu passava a semana todinha sem ouvir nada, nem um barulho. Até a música alta do vizinho chato no Brasil, seria melhor que o total silêncio”. (Suelen)

Segundo Weiss⁽²³⁾, a migração pode possibilitar uma nova orientação e uso de outros recursos econômicos e sociais, mas de toda forma está sempre ligada ao estresse. A experiência da migração é vivenciada de forma pesada e gera muita insegurança. Outra dificuldade vivenciada no dia a dia pelas participantes é a ilegalidade, uma vez que, mesmo quando essas mulheres estão dentro dos três meses de permanência permitidos na Suíça, quando elas começam a trabalhar se tornam ilegais, pois como turista isso não é permitido. Segundo Weller⁽⁶⁾, um dos maiores problemas da “clandestinidade” é a convivência permanentemente com o temor de ser descoberto e das con-

seqüências decorrentes desse processo. Nesse sentido, migrantes “sem papéis” são obrigados a desenvolver uma série de estratégias e mecanismos para manter o *status* de alguém que oficialmente não existe e que não vive no país. São obrigados, por exemplo, a evitar locais em que, eventualmente, possam ser controlados pela polícia, a vestir-se de forma que não chame a atenção e jamais poderão entrar no ônibus, bonde ou trem sem comprar o bilhete. Os seguintes trechos exemplificam o que foi dito:

“Quando eu cheguei, as dificuldades foram muitas. Eu vim com a mala cheia de sonhos, mas trabalhar sem papel e sem saber alemão é muito difícil. Logo veio a realidade”. (Rebeca)

“Viver aqui ilegal é o mais difícil. Eu tinha medo de ser controlada pela polícia nos ônibus, nos trens, nas ruas e não podia voltar ao Brasil, pois se eu sáísse da Suíça não poderia retornar”. (Amélia)

A ilegalidade torna impossível conseguir um emprego no mercado formal e a necessidade de permanecer “invisível” faz com que muitas mulheres busquem trabalhos como empregadas domésticas ou babás, uma vez que nesses locais dificilmente ocorrerá uma blitz policial. As entrevistadas logo que chegaram à Suíça trabalhavam em casas de famílias como faxineiras ou como babás, uma delas como dançarina e outra como prostituta, como testemunham as seguintes falas:

“Eu estava vivendo ilegal, tinha que trabalhar e mandar dinheiro para o meu pai para sustentar os meus filhos, então eu fiz aquilo (prostituição) num momento de fraqueza, eu fui envolvida, mas no momento, eu não tinha outra solução”. (Bernadete)

“Na minha cidade eu era costureira, tinha minha profissão. Aqui tive que ser faxineira. Ilegal e sem a língua é difícil conseguir outra coisa. As pessoas pensavam que eu vim pra cá me prostituir, mas eu nunca fiz isso não.” (Amélia)

Para as que têm filhos, deixá-los no Brasil, geralmente com os avós ou tios, é uma dificuldade a mais que geralmente traz muita tristeza, como vemos no trecho abaixo:

“Eu trabalhava para mandar dinheiro para os meus filhos, que eu tinha deixado no Brasil com a minha mãe. Eles sofreram muito e não conseguiram entender. O dia a dia foi muito difícil”. (Rebeca).

O preconceito é outra das dificuldades encontradas pelas brasileiras na Suíça, pelo fato de serem estrangeiras, sendo um fator agravante o estereótipo que é passado da mulher de nosso país. Infelizmente a imagem que os suíços têm dos brasileiros e, principalmente, das brasileiras, é bastante conhecida. Pereira⁽²⁴⁾ afirma que a imagem da mulher brasileira é passada com uma grande leviandade. Basta olhar os catálogos de viagem para saber como éramos (ou ainda somos) representadas, sendo o aumento do nível do turismo sexual para o Brasil prova disso. Podemos perceber que todas essas dificuldades são vividas

diariamente, como mostram os seguintes excertos das entrevistas:

“Existe muito preconceito com a mulher brasileira, com o estereótipo da mulata e da mulher bonita, e assim os suíços pensam que todas as brasileiras são assim”. (Lilian)

A mentalidade suíça é apontada como uma das dificuldades, porque culturalmente o brasileiro e o suíço são muito diferentes, sendo justamente essa a diferença que as brasileiras relataram:

“Quando eu cheguei à casa de minha tia foi muito difícil. Ela já morava aqui com o filho dela e eu vim tomar conta do meu sobrinho, pra ela poder trabalhar fora. A convivência com o marido dela foi impossível! Ele é bem suíço mesmo. Tudo tem que ser sempre do mesmo jeito, como um desenho, nada pode mudar. Eu vivia triste, não me acostumava, mas precisava ajudar a minha família”. (Gil)

C. Circunstâncias em que vieram a se casar

Todas as entrevistadas, depois de certo período na Suíça, por diferentes motivos como querer permanecer na Suíça, sair da ilegalidade ou trazer os filhos que estavam no Brasil, acabaram por optar por um casamento que, a princípio, não foi baseado no amor, como testemunham as seguintes falas:

“Eu não quero voltar para o Brasil pra ficar sem trabalho, enquanto aqui tudo é bonito e organizado. Então eu pensei: pra ficar aqui tem que casar. Casar aqui é fácil. Os europeus gostam das latinas. Dentro de seis meses eu tinha me casado e me separado, porque descobri que meu marido era traficante. Depois conheci o meu segundo marido, na discoteca, logo fiquei grávida e assim ele teve que casar comigo”. (Renata)

“O amigo do marido da minha tia falou que tinha gostado de mim pra minha tia, pois eu falava muito pouco alemão. Quando eu conheci, não gostei dele. Mas ele perguntou: você que ficar na Suíça? Então fica comigo, nos casamos e com o tempo veremos”. (Gil)

“Eu estava vivendo ilegal, tinha que trabalhar e mandar dinheiro para o meu pai para sustentar os meus filhos. A minha irmã vivia dizendo: Você tem que casar! Você tem que casar! Aí eu conheci meu marido numa discoteca e morei três meses com ele. Depois eu fui para o Brasil e voltei com os meus filhos e me casei com ele”. (Bernadete)

Todas elas estavam desempregadas no Brasil, com famílias ou filhos dependentes delas, o que certamente levou-as a pensar não somente nelas, mas também nos familiares e nos filhos, uma vez que o casamento regulariza sua situação no país e para as que têm filhos lhes dá a oportunidade de trazê-los. Janka e Athole⁽²⁴⁾ afirmam que o visto dado as mulheres migrantes estipula claramente que o casamento é a única justificativa para a sua estadia na Suíça. Vale ressaltar o fato de que não queremos dizer que durante o casamento o amor não possa vir a ser

construído. Mas que, no primeiro momento, o casamento é realizado em função de outros motivos. Como podemos confirmar no seguinte depoimento:

“Pra falar a verdade eu não casei por amor, casei para ficar aqui. Hoje nosso casamento é bom, mas passamos por muitas dificuldades para crescermos juntos”. (Carolina)

D. Avaliação da experiência

Em geral a avaliação que fizeram foi pessimista, ao se referirem à ilusão de encontrar um príncipe encantado e enriquecer, ao despreparo para enfrentar um mercado de trabalho exigente e dominar uma língua difícil e viver em um país diferente do seu.

“Quando a pessoa vem pra Suíça pensa que é um mar de rosas, mas não é não. Se eu soubesse como era aqui não teria vindo, tinha ficado no Brasil, estudado, feito um curso, tinha feito de tudo, mas não teria vindo porque eu sofri muito. Na verdade, foi tudo, menos o que eu sonhei!” (Gil)

Eu espero que hoje com a tecnologia e as notícias, as pessoas saibam que isso é pensamento de novela. Talvez esse tenha sido o meu problema. Paraíso europeu não existe. Europa não é o que pensamos. As mulheres precisam de esclarecimento para não sonhar errado. É outra realidade, é um choque, é outra cultura. Meu sonho é voltar, mas não sei se volto. (Lilian)

Pereira⁽²¹⁾ escreveu sobre a admiração que as pessoas, no Brasil, têm acerca daquelas que vivem na Suíça, achando que têm tudo por morarem num país rico, mas não sabem das situações desagradáveis que enfrentam e que, muitas vezes, são mantidas em segredo pelas próprias mulheres. Para a autora, isto está ligado à ilusão que se tem de que a Europa é um paraíso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização e as novas formas de tecnologias, bem como as mudanças no papel social da mulher, têm contribuído para o aumento da migração feminina e, por sua

vez, com os casamentos interculturais. Porém, constatamos que essas mulheres ao migrarem, de modo geral, não estavam conscientes das dificuldades que seriam enfrentadas ao deixar o seu país. Muito claro pareciam ser as facilidades que elas teriam ao deixar o Brasil, pois várias migraram acalentadas pelo sonho de encontrar um príncipe encantado, pensando que iriam viver como em um conto de fadas “felizes para sempre.” A realidade do dia a dia, no entanto, se mostra bem diferente.

Os motivos da migração feminina são vários: desemprego falta de condições financeiras e reconstrução familiar. Os resultados mostraram que a maioria das brasileiras que migram para a Suíça, ilegalmente, se confrontam com restritas leis de migração e acabam se casando para poder permanecer na Suíça, além de se depararem com a falta de oportunidades para retornar ao Brasil. Ao mesmo tempo, é um fato que muitas delas se sentem pressionadas a se casarem por terem deixado filhos no Brasil e desejarem levá-los para o seu convívio familiar ou para ajudar os familiares. Constatamos que, independente dos motivos, as dificuldades vivenciadas para a adaptação das brasileiras são inúmeras, sendo a língua apontada por todas as participantes da pesquisa como uma das maiores dificuldades, entre outras. Em outras palavras, o que elas esperavam com a migração, tudo que idealizaram, para a maioria, acabou por não se concretizar.

Dada à complexidade do tema em questão, principalmente em função dos diferentes motivos para a migração, seria grande pretensão achar que podemos esgotar as possibilidades de pesquisa sobre ele. Consideramos, entretanto, que nos foi possível fazer um mapeamento inicial sobre a questão, mas certamente novas investigações se fazem necessárias. No entanto, acreditamos ter contribuído, principalmente, no sentido de sensibilizar os profissionais e as famílias para os problemas relacionados à migração, objetivando conscientizar as mulheres que migram para trabalhar, sobre a realidade da migração e as suas consequências.

REFERÊNCIAS

1. Amazonas MC, Dias CMS, Santos G. Conjugalidades interculturais e relações de gênero. In: Osório LC, Pascual, VME, organizadores. Manual de Terapia Familiar. São Paulo: Artmed Editora; 2009; p.74-87.
2. Centrum für Binationale und Interkulturelle Paare und Familien [Internet]. Services,1999.[citado 2009 maio 10]. Disponível em http://www.cbif.at/frame_chtml
3. Oliveira AC. Mulheres Imigrantes no Sul da Flórida: Um estudo de caso revelando diferenças [Internet]. 2006 [citado 2009 ago.23]. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Adriana_Capuno_Oliveira_55.pdf
4. United Nations Population Fund - UNFPA . Gender equality [Internet], 2007 [citado 2010 set.10] . Disponível em: <http://www.unfpa.org/public/>
5. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo Demográfico 2010. 2011. [citado 2011 nov.09]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatisticas/populacao>
6. Weller W. Entrevista. In Revista Scalabriniane nel Mondo. Ano 12 n.22, Brasília: CSEM,2004.
7. Cleaver V. Ninguém pode Integrar outra pessoa. [Internet]. 2009 [citado 2010 abr.24] . Disponível em: <http://www.swisinfo.ch/por/sociedad>

8. Hoffmann G. Brasileiras em segundo lugar na preferência dos suíços, 2009. [citado 2010 jul.05]. Disponível em <http://www.swissinfo.ch/reportagens/brasileiras...>
9. Huber L. Nos trajetos da sujeição: brasileiras na Suíça. *Travessia – Revista do migrante*. 1996; (26):35-37.
10. Ministério das Relações Exteriores – MRE. Notícias para o Mundo. [Internet]. 2009[citado 2010 jun. 06]. Disponível em: <http://www.swissinfo.ch.sociedade/Emigrantes>
11. Bundesamt für Statistik –BFS. In: *Binational (Preliminary Remarks)*. 2007. [citado 2009 nov.11]. Disponível em: <http://www.binational.ch/en/fragen/vorbemerkung.html>
12. Fachstelle Frauenhandel und Frauenmigration .Beratung für migrantinnen. [Internet]. 2009 [citado 2010 abr. 24. Disponível em: http://www.fiz-info.ch/index.php?page_483
13. Baeckert LT. Os sonhos das babás brasileiras ilegais na Suíça. [Internet]. 2008 [citado 2010 mai.06]. Disponível em <http://www.swissinfo.ch/por/os-sonhos-das-babás-brasileiras-ilegais-na-suíça/6860228>
14. Ammann SB, Ammann P. Por que os migrantes brasileiros escolhem a Suíça como destino? [Internet]. 2006 [citado 2010 mai. 06]. Disponível em: <http://www.swissinfo.ch/por/por-que-os-migrantes-brasileiros-escolhem-a-suíça-como-destino-/853884>
15. Turato ER. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Petrópolis: Vozes; 2003.
16. Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucite; 2004.
17. Garcia L. Mulheres transnacionais. *Imaginário*. USP; 2007 (13):379-398.
18. Daure I, Reveyard-Coulon O. Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de migração. [Internet]. 2009 [citado 2010 abr.10]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652009000200011&script=sci_arttext
19. Souza ICF. A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. *Imaginário*. USP, 2007 (13):399-415.
20. Scheifele S. *Migration und Psyche:erschutterung und Aufbruch*. Gissen, Alemanha: Psychosozial, 2008.
21. Pereira C. Migração: história, aspectos legais e situação das migrantes na Suíça. In: *I Encontro Nacional de Brasileiras na Suíça*. (documentação final); Berna; 1998. [citado 2010 mai.20]. Disponível em: <http://www.encontro-brasileiro.ch>
22. Figueiredo PMV. A influência do locus de controle conjugal nas habilidades sociais e na satisfação do casamento. [Internet]. 2005. [citado 2010 mai.20]. Disponível em: <http://cienciaecognicao.org>
23. Weiss R. *Macht Migration Krank? Eine transdisziplinäre Analyse der Gesundheit von Migrantinnen und Migrant*. Zuri- que, Suíça: Seismo; 2005.
24. Janka V, Athoele A. Estrangeiras sonham amor alpino [Internet]. 2003 [citado 2010 set. 27]. Disponível em: [http://www.swissinfo.ch/por/index/estrangeiras_sonham_amor_alpino_\(I\)](http://www.swissinfo.ch/por/index/estrangeiras_sonham_amor_alpino_(I))